

AUTORA NÚMERO 1 NAS LISTAS
INTERNACIONAIS DE MAIS VENDIDOS

SYLVIA DAY



AMIGO
SECRETO

SANGUE
E ROSAS

9 7 8 1 2 3 4 5 6 7 8 9

**EXCLUSIVO
PARA E-BOOK**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



SYLVIA DAY

AMIGO SECRETO

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

**B I
B I
S I
B I**

DEDICATÓRIA

Para Raelene Gorlinsky, por me dar a oportunidade de escrever uma história sobre Natal, um tema que eu sempre quis abordar. E para Helen Kay Dimon, minha colega escritora e também advogada, que muito gentilmente respondeu às minhas perguntas sobre o funcionamento dos escritórios de advocacia. Todos os erros factuais restantes são, exclusivamente, minha culpa.

SUMÁRIO

Rosto

Créditos

Dedicatória

Sangue e rosas

1

2

3

4

5

6

Sobre a autora

SANGUE E ROSAS



1

“Jennifer me prometeu todos os tipos de favores sexuais se eu comprasse um desses pra ela.” Chad Ward apontou com o polegar para a janela do restaurante, pela qual se via um reluzente Jaguar conversível que estacionava naquele momento do outro lado da rua. “Ela deu umas ideias bem criativas. Cheguei até a fazer uma pesquisa de preço na internet.”

Jake Monroe estreitou os olhos ao observar o esportivo vermelho, sentindo um frio na espinha.

“Um carro como esse precisa ser encomendado na fábrica”, continuou Chad, voltando sua atenção ao café que servia para Jake. “Eu até faria isso pela Jenn, se pudesse. Mas o restaurante não dá *tanto* dinheiro assim. E quem pode ser dar ao luxo de gastar cento e cinquenta mil dólares em um carro?”

“Sujeitos ricos, carecas e barrigudos na esperança de ir pra cama com mulheres com idade para serem filhas deles”. Mas Jake também conhecia muito bem outra pessoa que compraria um carro como aquele. E conhecia bem até demais. Era por isso que tinha certeza de que ela não voltaria a Whisper Creek depois de tantos anos se não fosse por um motivo muito sério.

Quando a porta do lado do motorista do Jaguar se abriu, ele voltou sua atenção novamente para o outro lado da rua. A capota do carro estava fechada, o que dificultava a identificação de seu ocupante, mas ele sabia exatamente quem ia descer, e sentiu seu coração disparar. “Ou então alguém como ela.”

Uma perna comprida, vestida em uma calça preta, se projetou na direção da rua, e então a motorista surgiu em todo o seu esplendor. A blusa também era preta, formando um contraste marcante com os cabelos ruivos presos junto à nuca. Parecia ser uma mulher contida e civilizada, mas ele sabia que não era nada daquilo. Todo o seu corpo ficou tenso ao reconhecer instintivamente a presença dela. Sua respiração se tornou mais profunda e acelerada.

“Ora, ora”, murmurou Chad, endireitando o corpo. “Esse cabelo é inconfundível, não é? E ela estacionou bem em frente à loja da Tilly. Eu não via a Ana há... Porra. Quanto tempo faz mesmo?”

“Quase dez anos.” *Nove anos, cinco meses e algumas semanas.* O fato de ainda estar contando os dias desde que Anastasia Miller saiu de sua vida sem olhar

para trás deixou Jake irritado.

“Humm.” Chad sacudiu a cabeça. “Será que ela conseguiu aquilo que estava querendo quando resolveu ir embora daqui?”

Pois é. Seria possível que ela pudesse ter encontrado o que gostaria em algum outro cara pelo mundo? “Boa pergunta.”

Ana pegou a bolsa do banco do passageiro e bateu a porta de seu brinquedinho caríssimo. Ela se deteve e se virou, como se estivesse sentindo o olhar de Jake sobre si. Estava usando óculos escuros enormes, que escondiam completamente seus olhos.

Os lábios dela eram exatamente como ele se lembrava. Rosados, carnudos e enlouquecedores. Ele havia sentido aquela boca por todo o seu corpo, e às vezes ainda sentia quando estava deitado na cama à noite, sofrendo de saudades dela.

Endireitando os ombros, ela entrou na loja de armarinhos de Tilly com passos seguros e determinados. Cinco minutos depois disso, as senhoras que se reuniam ali para fofocar e tricotar se retiraram. A placa que avisava que o estabelecimento estava aberto passou a mostrar a mensagem “Volto logo”, e a cortina da vitrine foi fechada.

Jake apanhou seu café, pensativo. “Me vê a conta, Chad.”

“Anastasia! Puxa, querida, eu não fazia ideia de que você estava vindo pra casa.”

Ana encarou sua mãe, contestando silenciosamente aquela mentira, mas Tilly Miller agiu como se não tivesse notado a desconfiança e a reprovação da filha.

“Olha só pra você.” Tilly se aproximou com os braços estendidos e deu um longo abraço em Ana. “Parece até que está indo a um velório.”

“Pode ser que eu precise ir mesmo”, respondeu Ana, sombria.

“Está falando do seu trabalho?”

“Estou falando do *seu* trabalho, mãe. Do sonho da sua vida. Eu estou aqui para resolver a encrenca que você arrumou.”

Tilly deu um passo atrás e passou a mão pelo cabelo que já havia sido ruivo e reluzente como o da filha, mas que no momento ostentava um tom desbotado e salpicado com mechas brancas. Ela parecia se encaixar perfeitamente no estereótipo de lojista de cidade pequena. Só mesmo uma outra criminosa internacional para reconhecer o que ela de fato era.

“Eu fiz um chá fresquinho agora há pouco. Por que você não senta um pouco para conversarmos melhor? Faz tanto tempo que você não vem pra casa.”

“Nós não temos tempo para esse tipo de joguinho.” Ana cruzou os braços, sentindo a raiva dominá-la por dentro. “A vida do Frankie está em perigo, mãe.”

Assim como seus pais, seu irmão Frank tinha a mesma necessidade de adrenalina, o mesmo fascínio por coisas reluzentes e ilegais. Ana achava que isso estava no sangue deles. Era inevitável, considerando que ela ganhou seu nome em homenagem a uma notória falsária, e o irmão, a um infame estelionatário.

“É mesmo?”

Que cinismo. Sua mãe era mestra em se fazer de desentendida. “Pelo que eu fiquei sabendo, ele e o Eric iam fazer o assalto com balas de festim, mas o comparsa deles usou munição de verdade”, contou Ana, indo diretamente ao assunto. “Seja ele quem for, é do tipo que põe tudo a perder.”

“Você sempre gostou de dramatizar as coisas, não é, querida?” Sua mãe se sentou em uma das cadeiras, todas diferentes umas das outras, que rodeavam um fogão a lenha apagado.

Ana precisou fazer força para não cerrar o maxilar ao falar. “Você sabe que nunca vai conseguir pôr as mãos nesses diamantes. Essa Coroa é visada demais.”

Tilly serviu o chá como se não estivesse ouvindo nada. “A Coroa de Rosas.” Ela suspirou. “É tão raro encontrar um diamante com uma coloração rosada tão marcante, imagine só uma tiara inteira! Essa joia foi roubada, é?”

“Não me venha com papo-furado, mãe. Você pensa que eu me esqueci do que contou sobre o assalto ao Carlton em 1994 em Paris? Esse roubo em Manhattan tem todas as digitais de Tilly Miller... a não ser pelo segurança baleado.”

Remexendo em sua maleta, Ana sacou um tablet e o colocou em uma cadeira vazia ao lado de sua mãe. “Comprei para você. Dá uma olhada nos aplicativos de notícias e lê o que saiu a respeito. Você sabia que aquela joalheria é propriedade das Indústrias Cross? Gideon Cross ofereceu uma recompensa de duzentos e cinquenta mil dólares em troca de informações que possam levar aos assaltantes. E essa quantia pode chegar a meio milhão se o segurança morrer.”

Finalmente, Tilly demonstrou sua preocupação, ficando pálida. “Ele está muito mal?”

“Estava usando colete, mas levou dois tiros, um no ombro e outro na coxa, que atingiu a artéria femoral.”

“Minha nossa...” Sua mãe respirou fundo. “Você sabe que o Frankie jamais faria uma coisa dessas. O segurança... era Terence Parker?”

“Era.” Ana pôs as mãos sobre o encosto de uma cadeira antiga. “Eu já sabia que Terence era o infiltrado. E está na cara que a intenção de quem atirou era se livrar dele. Dividir o lucro por três é muito mais vantajoso. Mas, sendo assim, por que não dividir por dois? Ou, melhor ainda, ficar logo com tudo? Frank, Eric, Terence e mais alguém estavam na jogada. Quem é o outro sujeito, mãe?”

“Eu não sei.”

“Duvido muito. Você planejou tudo nos mínimos detalhes.” Tilly e Bill Miller eram famosos por passar anos planejando roubos que eram executados em poucos minutos. Ana tinha medo de que sua mãe estivesse usando esse assalto para desviar o foco do sofrimento causado pela morte de seu pai, e arrastado Frankie consigo.

Tilly a encarou com uma expressão preocupada. “O plano não previa mais ninguém. Só Terence, Frankie e Eric. O mais provável é que Terence tenha envolvido um outro segurança, alguém que ele julgou ser de confiança... e acabou pagando por isso.”

“Pelo amor de Deus, mãe. Esse cara vai se voltar contra Frankie e Eric na primeira chance que aparecer, se é que ainda não fez isso. Precisamos descobrir onde ele está antes que seja tarde.”

Tilly apanhou o pires e a xícara com as mãos trêmulas. “Você veio atrás da recompensa ou dos diamantes?”

“Você sabe por que estou aqui. E sabia que eu viria, porque pesquisou a respeito da seguradora que cobria os diamantes antes de tentar roubar. Isso fazia parte do plano. Tenho certeza de que você achou que todo mundo ia ficar satisfeito: a sua mente brilhante elaboraria o plano, Frank mostraria que está à altura do papai colocando tudo em prática, eu ganharia cinco por cento do valor quando achasse as pedras e o proprietário teria sua joia de volta.”

“Não era pra ninguém se machucar”, suspirou Tilly, parecendo abalada.

“Mas alguém sempre se machuca, mãe. Os roubos não são ilegais só para estragar sua diversão.” Com um suspiro, Ana apertou o nariz entre os olhos. “Quando Frankie e Eric ficaram de vir para cá?”

“Só daqui a uma semana.” Tilly a encarou com uma expressão sombria e incomum. “Nós sabíamos que a seguradora iria mandar você, e não queríamos que a sua visita despertasse suspeitas.”

“Obrigada”, disse Ana.

“Frank só vai ligar quando chegar à Flórida. Ele e Eric vão esticar a viagem pra durar uma semana.”

Ana cruzou os braços e soltou: “De boba você não tem nada, e sabia que eu poderia ser acusada como cúmplice. Se eu ficar com a recompensa e descobrirem que Frankie está envolvido, não seria nada fácil eu provar que não se tratava de um golpe multimilionário contra a seguradora”.

“Jake jamais deixaria isso acontecer”, argumentou Tilly.

“Ele não é Deus, mãe”, murmurou Ana, sentindo um aperto no estômago ao pensar na ideia de voltar a ficar frente a frente com seu namorado dos tempos do colégio. Jake Monroe — o homem que ela nunca conseguiu esquecer. “Vou ter que conversar com ele sobre isso. Talvez Eric já tenha entrado em contato. Seria de se esperar, considerando o quanto Jake é

superprotetor.”

“Você vai ficar em Whisper Creek até o caso ser resolvido?”

“Pelo menos esta noite eu vou ficar. Se o Terence sobreviver, Deus queira que sim, vou voltar a Manhattan para conversar com ele. Caso eu consiga alguma pista com ele sobre quem pode ser o quarto elemento, vou atrás disso. E o Wi-Fi lá de casa está funcionando bem?”

“Não muito. Eu uso o computador aqui na loja quando preciso, porque a conexão é melhor.”

“Então vou ficar no Victoria’s Inn.”

Ana apanhou a maleta e bufou. “Se ficar sabendo de alguma coisa, me avisa.”

“Anastasia.” A voz de sua mãe a deteve quando chegou à porta. “Você vai ajudar o Frankie, certo? Ele vai ficar bem?”

“Vou fazer o que eu puder, mãe.” No entanto, era impossível prometer o que quer que fosse. Ela poderia inclusive afundar junto com eles.

Ana colocou os óculos escuros de volta no rosto e saiu.

Quando pôs os pés na calçada, deu de cara com o delegado federal à sua espera, encostado no carro dela.



2

Ana prendeu a respiração, e seu coração se acelerou em um misto de culpa e surpresa.

O delegado era um homem alto e esguio, com olhos azuis e lábios firmes. Seu rosto de belas feições exibía uma expressão impassível, e os braços estavam casualmente cruzados. As pernas compridas estavam um pouco afastadas, mantendo seu corpo bem equilibrado sobre o asfalto enquanto ele a media de cima a baixo sob a aba do chapéu.

“Delegado”, ela cumprimentou, recuperando a compostura.

“Anastasia.” Sua voz era rouca e áspera, e o nome dela na boca dele soou como uma carícia. “O que te traz aqui?”

“Só estou dando uma passada. Viagem a trabalho.” Ela enfiou sua mão livre no bolso, para esconder o fato de que estava tremendo. Imaginando que talvez ele estivesse mais bem informado que Tilly, Ana perguntou: “E o Eric, por onde anda?”

Jake sorriu. Ele tinha uma boca linda. Os lábios não eram nem muito grossos, nem muito finos, e o formato era perfeito. Aquela boca conhecia cada centímetro do corpo dela. Ana ainda tinha sonhos a respeito do que ele era capaz de fazer com ela. “Foi para a Flórida com o seu irmão.”

Ela balançou a cabeça, e sentiu suas pernas começarem a amolecer. “Eu nunca gostei da Flórida. Não suporto tanto calor e umidade.”

“Quanto tempo você vai ficar por aqui?”

“Alguns dias, no máximo.”

Ele endireitou o corpo com uma fluidez de movimentos notável. “Então por que estamos perdendo tempo jogando conversa fora?”

Ela olhou bem para ele, absorvendo cada detalhe do homem que um dia havia abandonado. Ele parecia mais durão do que antes. E mais forte também. Na última vez em que se viram, ele tinha só vinte e dois anos. Agora, Jake era um homem totalmente formado, mais encorpado. Mas a formidável força de caráter que ele sempre exalava não tinha mudado em nada. “E o que mais nós poderíamos fazer?”

“Parar com essa enrolação já seria um bom começo. Você vai ficar na casa da Tilly?”

“Não.”

“Está casada?”

Ela sacudiu a cabeça negativamente. “E você?”

“Também não. Você vai ficar na minha casa, então.”

Ela sentiu um calor percorrer todo o seu corpo, e sentiu seu coração se acelerar. Ana não esperava que ele fosse tão direto. Sendo bem sincera, ela estava com medo de que ele a ignorasse, que a tivesse esquecido fazia tempo. Ou pior, ela imaginou que poderia haver uma mulher na vida dele, uma família normal, da qual fizesse parte e se orgulhasse.

“A sua conexão de internet é boa?” Nos cálculos dela, talvez fosse possível obter uma pista melhor sobre o paradeiro de Eric caso ficasse na casa de Jake. Além disso, ficaria mais próxima do próprio Jake, o homem por quem sentia um amor tão grande que fazia seu peito doer.

“Minha querida”, ele respondeu, com fogo no olhar. “Sério mesmo que é assim que você está querendo conduzir as coisas? Eu estava até pensando em pegar leve, mas se você faz questão de ser castigada é só me dizer.”

O corpo dela respondeu àquela sugestão sexual com a receptividade habitual. Jake sempre tinha sido capaz de deixá-la pronta para ele com apenas um olhar, pois ela sabia bem aonde aquele olhar iria levar — ao prazer extremo que a conduzia ao limite. “Eu preciso trabalhar, Jake. Foi uma pergunta pertinente.”

“Eu não disse que não era. Só fiquei ofendido pela sugestão de que o sinal do Wi-Fi na minha casa seria levado em conta na sua decisão de trepar ou não comigo hoje à noite.”

Ela ficou tensa por dentro. Ele sempre tinha sido curto e grosso ao falar de sexo, mas havia um tom de raiva e de mágoa em suas palavras que a deixou com o coração apertado. No entanto, Ana não poderia demonstrar o que sentia. Sua paixão não era desejada nem necessária, e não faria sentido expressá-la, considerando que era ela a causa da infelicidade dele.

“Então...” Ela limpou a garganta. “Que bom que já deixamos tudo bem claro.”

O sorriso de Jake fez a pele dela inteira se arrepiar. “Eu não moro tão afastado da cidade quanto a Tilly. A minha conexão funciona muito bem.”

“Legal, porque vou precisar.”

Ele enfiou a mão no bolso e sacou um jogo de chaves. “Você sabe como chegar lá.”

Ana pegou as chaves, engolindo em seco ao bater os olhos no chaveiro. Era um pedaço redondo de madeira, cortado de um galho de árvore, que ela mesma havia feito em uma aula de marcenaria. Na lateral, ela gravou as palavras *Jake + Ana*, cercadas por asteriscos e coraçõezinhos. Do outro lado, lia-se a inscrição *Para sempre*.

“Eu tenho umas coisas para resolver”, ele informou. “Ligo para você lá em casa para saber se vamos jantar fora ou se prefere que eu leve alguma coisa da rua.”

“Eu posso cozinhar.”

“É mesmo?” Ele sorriu. “Eu iria gostar.”

“Claro que sim”, ela respondeu, sarcasticamente. “Você é um homem.”

Jake sacou um cartão de visitas e entregou a ela. “Aí tem o número do meu trabalho e do meu celular. Se precisar de alguma coisa, é só ligar.”

Ela o encarou. “Qualquer coisa?”

“Já faz doze anos que você sabe muito bem que sim, Ana. Apesar de não ter dado as caras nos últimos dez.”

Ana respirou fundo. Ele era tudo o que ela sempre quis, mas não podia ter. Homens da lei e criminosos não costumavam se juntar. “Eu só estou aqui de passagem, Jake.”

“Isso você já falou.” Ele bateu na aba do chapéu. “A gente se vê mais tarde.”

Ana conduzia seu Jaguar em baixa velocidade pela rua arborizada, observando o quanto o lugar havia mudado desde quando ela fora embora, uma década antes. Antigamente — quando a casa de Jake ainda era a casa dos pais dele — havia apenas alguns poucos imóveis espalhados pela rua. Com o passar do tempo, porém, foram surgindo novas casas, alinhadas umas às outras, formando a imagem perfeita de uma rua residencial de uma pequena cidade norte-americana.

Ela estacionou no meio-fio diante da casa térrea e espaçosa, sorrindo ao ver a cerca branca, que tanto dizia sobre seu morador. O jardim era impecavelmente bem cuidado, e havia uma cadeira de balanço pendurada às vigas da varanda. Era a típica casa familiar que ela sempre sonhou em ter um dia.

Infelizmente, ela não era uma pessoa normal, assim como o resto de sua família. Seu cérebro estava contaminado por toda uma variedade de informações criminosas, e era esse o motivo para ela ter se tornado uma investigadora particular de uma seguradora para joias roubadas — sua mente funcionava como a de um ladrão.

Continuar se relacionando com Jake era impossível para ela, por mais que os dois se amassem. O cérebro dele sempre se ocupou de questões relacionadas ao outro lado da lei, e ele sempre quis ser policial. Ela não conseguia imaginá-lo em nenhuma outra profissão.

Como ela poderia querer que alguém como ele se associasse a um bando de criminosos? A razão que a levou de volta até ali era a maior prova de que sua decisão de ir embora havia sido acertada. O que aconteceria com ele, com sua vida, com o amor entre os dois, caso ele fosse para a cadeia? Ela sabia que um dia Tilly e Frankie iriam aprontar alguma, e que isso respingaria em Jake. Ana não poderia permitir que isso acontecesse. No fundo, ela o abandonou por amor.

“Mas aqui estou eu, na casa dele”, ela murmurou consigo mesma,

apanhando a bolsa com as roupas para o fim de semana do assento do passageiro. Ela a pôs no ombro e abriu o portão, admirando o caminho de paralelepípedos que levava à porta da frente, se perguntando se havia sido construído por Jake. Ela o imaginou ali em um dia ensolarado, sem camisa, coberto de suor, flexionando os músculos das costas e dos braços enquanto trabalhava sobre o gramado verdejante.

Ela ficou curiosa para saber em que ele pensava enquanto trabalhava. Teria imaginado uma mulher grávida percorrendo aquele caminho? Ou seus filhos passando por ali ao voltar da escola? Ou um cachorro correndo para o portão ao ver as crianças da vizinhança brincando?

Ela apertou com força o chaveiro que havia feito quando tinha apenas dezesseis anos.

“Já faz doze anos, Ana.”

Deus do céu. Aquilo era de cortar o coração. Mas nem por isso ela deixou de ficar comovida pelo fato de o amor dele ser tão verdadeiro quanto o dela.

Ana entrou, deixou a bolsa sobre um sofá de couro preto e observou o estilo surpreendentemente moderno dos móveis da casa. As paredes eram de um tom azul-claro, com móveis pretos e detalhes cromados. As cores frias combinavam muito bem com o brilho reluzente do piso de madeira.

Caso Ana tivesse algum juízo, teria se hospedado na pousada. Da última vez que foi embora, ficou arrasada. Que tipo de sensação experimentaria ao partir de novo? E Jake?

Respirando bem fundo, Ana sentiu o cheiro dele na casa, e seu corpo todo respondeu àquele estímulo. Jake havia sido seu primeiro amante, e seus sentidos tinham sido treinados a entrar em sintonia com os dele. Ele mesmo havia tratado de treiná-los, primeiro com as mãos e com a boca, e mais tarde com amarras e submetendo-a a deliciosas pontadas de dor. Era uma prática na qual os dois se iniciaram juntos, ambos cientes de que ela sentia uma necessidade brutal de se entregar à autoridade dele, o que a tornou impossível para qualquer outro homem. Às vezes, quando estava deitada na cama à noite, ela se perguntava se também o havia tornado impossível para qualquer outra mulher.

Ana sacou o laptop da bolsa e foi até a mesa alta e quadrada da sala de jantar. Ela tirou os sapatos e se acomodou em uma banqueta. Enquanto o computador iniciava, ela pegou o celular, o cartão de visita dele e mandou uma mensagem.

Qual é a senha do Wi-Fi?

Um instante depois, veio a resposta. *An@mIn4a69*

Ela ficou olhando para a tela e sorriu. “Ana-minha-69, é?”

É um desejo ou uma sugestão?, ela escreveu em resposta.

Ele respondeu logo em seguida. *Uma ordem.*

“Pois é. Algumas coisas nunca mudam.” Ana abriu e fechou a mão

algumas vezes e remexeu os ombros, tentando concentrar sua mente no trabalho que tinha pela frente.

Ela precisava conseguir informações sobre Terence Parker, e iria desrespeitar a lei para consegui-las. Ana fez um esforço para se desvencilhar de qualquer sentimento de culpa, pois se tratava de algo absolutamente necessário. “Tomara que você consiga sair dessa, Terence.”

Ana pensou em seus parentes. E em como seria entrar em um assalto sendo o único do bando que não fazia parte da família composta por mãe, filho e o melhor amigo do filho. Embora Eric não fosse da família, ele era praticamente um irmão para Frankie. Terence na certa gostaria de incluir alguém com quem tivesse o mesmo tipo de proximidade.

“Minha nossa... O Frankie.” Ela sentiu um nó na garganta, e o medo fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Seu irmão mais novo nunca teve a chance de seguir pelo caminho certo. E, se acontecesse alguma coisa com Eric, Jake ficaria arrasado.

“Uma coisa de cada vez”, ela murmurou para si mesma. “O primeiro passo é descobrir quem é o quarto elemento.”

“O falatório já começou, Jake.”

Jake desviou os olhos da papelada que estava tentando adiantar para poder tirar folga no dia seguinte. Luke Stilles — um de seus colegas de trabalho e amigo de longa data — estava parado na porta, com um sorriso no rosto. “Ouvi dizer que Ana está de volta, e que está hospedada na sua casa.”

“Ah, Whisper Creek, o lugar onde a fofoca nunca para.” Recostando-se na cadeira, Jake começou a pensar na mulher com quem se sentia tão à vontade quanto com seu distintivo. Ela era a pessoa mais importante de sua vida desde que se mudou para a cidade com a família, aos dezesseis anos. Juntos, eles atravessaram a adolescência até a idade adulta, e descobriram o que queriam da pessoa amada. Muita gente vivia e morria sem saber disso. E nunca encontrava sua alma gêmea.

Ele ainda não conseguia entender por que os dois não estavam juntos. Ele compreendia que ela precisava sair de Whisper Creek para libertar todo o seu potencial, mas não entendia por que Ana não quis que ele fosse junto. Ele insistiu, implorou, ameaçou e provocou, obrigando-a a dizer mais de cem vezes que jamais o deixaria. Mas, no fundo do coração, ele sabia que Ana acabaria indo embora — a verdade estava nos olhos dela.

Ela o amava, disso ele não tinha dúvida. Não havia outro homem no mundo para ela, pelo menos não um que a conhecesse tão profundamente quanto ele. As coisas que haviam experimentado juntos, os momentos de entrega e intimidade total, valiam mais que qualquer aliança ou cerimônia.

No entanto, à medida que os anos foram passando e ela continuava distante, ele percebeu que havia *algo* que os mantinha separados, e o que

aconteceu mais cedo era uma prova disso. O amor por ele ainda estava escrito nos lindos olhos verdes de Ana. Ela ainda o desejava e o obedecia, ainda queria se entregar ao desejo que sentiam um pelo outro. Caso ela fosse embora de novo, tudo se confirmaria: o problema não era ele, era Whisper Creek. E, se o que os estava mantendo separados era aquele lugar, ele lhe daria umas boas palmadas por não ter dito isso antes.

Luke entrou e foi até a mesa de Jake. “Ela voltou para ficar?”

“Ainda não sei.”

“Ah... entendi. Vocês vão jantar em algum lugar?”

“Ela vai cozinhar.”

“Sério? Sou obrigado a avisar você que, na época do colégio, eu caí na turma dela na aula de economia doméstica. Ela não sabia nem fritar um ovo.”

Jake sorriu. “Recado anotado.”

“Você tem certeza do que está fazendo?” O sorriso desapareceu do rosto de Luke. “Ela fez uma tremenda palhaçada com você da última vez, Jake. Não quero ver você daquele jeito nunca mais.”

“Não fui só eu que saí magoado. Acho que Ana e eu não conseguimos esquecer um ao outro.”

Ele esperou que Luke saísse, pegou o celular e ligou para Eric. Seu irmão mais novo havia prometido entrar em contato duas vezes por dia, mas não dava sinal de vida desde a manhã anterior. O que, infelizmente, não chegava a ser uma surpresa.

“Oi, Eric”, ele falou, deixando um recado na caixa postal. “Você falou que ia entrar em contato. Sei que já é bem crescidinho, mas não é por sua causa que eu faço isso, é por mim. Eu me preocupo com você.”

Ele respirou fundo, pensativo.

“Me manda uma mensagem quando puder, ou então me liga. Porra, me manda uma foto se não estiver a fim de escrever nem de falar. Só não me manda uma daquelas fotos de ficha de delegacia, porque eu encho você de porrada mesmo dentro da cadeia.”



3

Ana terminou o relatório e o enviou por e-mail para a seguradora. Era difícil mostrar que as coisas estavam caminhando sem poder mencionar nomes. Até citar o nome do segurança era arriscado, porque ele poderia entregar Frankie ou Eric se a coisa ficasse feia. O que ela fez, portanto, foi avisar que estava investigando a vida pregressa dos funcionários da loja, o que a fazia parecer tão incompetente quanto a polícia local, mas durante esse trabalho havia surgido uma ou outra informação que poderia ser útil, caso Ana já não soubesse quem eram os responsáveis pelo roubo. Aquilo seria suficiente para justificar seu salário... pelo menos naquele dia.

Quanto a seu palpite, ela descobriu que Terence tinha dois irmãos — um que era professor universitário na Virginia e outro que possuía uma ficha policial à qual Ana conseguiu acesso por meios escusos. Richard Parker foi condenado por assalto à mão armada aos quinze anos de idade, além de várias passagens por furto e uso de drogas. Sua ficha como adulto estava limpa, mas os pais dela eram uma prova de que o fato de a pessoa nunca ter sido presa não significa que seja honesta.

Ana fechou o laptop, desceu da banqueta e foi cuidar do jantar. Ela já havia dado uma olhada na geladeira e na despensa, e não se surpreendeu ao constatar que a casa estava muito bem abastecida. Depois de considerar algumas opções, decidiu fazer carne de panela e uma salada. Em seguida, abriu uma garrafa de vinho e deixou arejando no balcão. Como havia preparado tudo de antemão, teria tempo de tomar um banho antes de Jake chegar.

Ana apanhou a bolsa no sofá e foi até o banheiro destinado aos hóspedes, admirando os novos azulejos dentro do box, que com certeza era mais um dos projetos de Jake. Quando ele herdou a casa dos pais, a aparência do lugar era outra. Era um imóvel sem nenhuma personalidade, uma das primeiras habitações construídas por um empreiteiro que imaginava que a cidade crescería em um ritmo muito mais acelerado. Àquela altura, porém, a casa já tinha a marca de Jake em toda parte, mas aquele banheiro claramente era usado por Eric. O barbeador em cima da pia era verde limão, e o sabonete líquido masculino perto do chuveiro era um produto destinado a jovens cheios de hormônios.

Jake havia assumido a responsabilidade de criar o irmão aos dezenove

anos, quando o casal Monroe morreu em um acidente de carro envolvendo um motorista bêbado. Ana ficou ao seu lado durante esse período difícil, oferecendo todo o consolo de que era capaz, considerando sua pouca idade, mas ele sempre soube como proceder com Eric, desde o início. Jake era um líder nato, com uma noção de ética muito bem arraigada e uma confiança inabalável.

Assim como Eric, ela também precisava de um exemplo como aquele, pois havia sido criada pelos pais mais irresponsáveis do mundo. E, mesmo depois de tantos anos, ainda considerava Jake seu ponto de equilíbrio.

Ana se lavou, se depilou e se perfumou como uma mulher decidida a praticar a arte da sedução, à qual não se dedicava fazia tempo. Como não tinha levado nenhuma roupa mais sensual, decidiu que o baby doll de algodão que vestiria para dormir poderia fazer esse papel.

“Dez anos”, ela murmurou para si mesma diante do espelho, ajeitando os cachos molhados com os dedos. “Você deve estar meio enferrujada.”

Quando abriu a porta do banheiro, ela notou imediatamente que Jake estava em casa. Havia uma energia palpável no ar, que despertou e aguçou seus sentidos. Ana ouviu o chuveiro aberto no quarto dele, e resolveu aproveitar aquele tempinho para terminar de fazer o jantar. Ela abriu um sorriso ao ver as rosas brancas em um vaso sobre a mesa do jantar e, quando foi pegar a salada, notou que havia um dos famosos cheesecakes do Victoria's na geladeira.

Ela estava temperando a salada quando ouviu os passos de Jake atrás de si na cozinha. Um instante depois, ele a envolveu por trás e beijou seu pescoço.

“Oi”, murmurou Jake, com sua voz grave e rouca.

“Oi.” Ela apoiou a cabeça no ombro dele, e se deixou levar pela vontade de permitir que seus corpos se tocassem. Ele estava sem camisa, e ela sentiu seu peito firme e quente. “Adorei as flores.”

“Que bom.” A ponta da língua dele tocou o lóbulo de sua orelha. Em seguida, ele a mordeu de leve. “Assim que eu passei pela porta o cheiro da comida me deixou com fome. Agora, sentindo o seu cheiro, meu apetite se multiplicou.”

Ele não estava falando de comida, e ela sabia disso. A comprovação veio quando ele deslizou as mãos por sua barriga e agarrou suas coxas bem na altura da barra do baby doll.

“Você conseguiu trabalhar?”, ele sussurrou, dobrando os joelhos para comprimir sua ereção contra a bunda dela.

Ana ficou tão excitada que nem parecia haver duas camadas de tecido entre os dois. Ela largou os pegadores de salada na tigela, abalada pelo tesão que se instalou em seu corpo. Era como se seu desejo tivesse ficado adormecido durante anos e estivesse sendo subitamente despertado. Ela se deliciou com a sensação, depois de tanto tempo de solidão e tristeza. “Consegui, sim. E o seu

dia, como foi?”

“Passei a última meia hora pensando em você e amaldiçoando mentalmente a papelada que eu precisava adiantar para poder ficar em casa amanhã.”

Ela respirou fundo. “Ah, é?”

“Antes de sair da minha cama, Anastasia, você vai ter que me explicar por que é que não estamos mais juntos.”

“Jake...” Ela foi interrompida pelos movimentos dos dedos dele se enfiando sob o elástico de sua calcinha. Estava quente e molhada, toda entregue à saudade e ao amor que sentia por ele. Com a ponta dos dedos, ele abriu os lábios de seu sexo, acariciando e provocando seu clitóris.

“Você ainda me quer.” Ele a puxou mais para perto e a fez sentir toda a extensão de sua ereção. “E sabe que eu nunca deixei de querer você. Nós precisamos dormir na mesma cama e estar na mesma casa todos os dias. Nós dois sabemos disso.” Ele deu um passo atrás, privando-a de seu toque. “Posso ajudar em alguma coisa?”

Ana estreitou os olhos, e viu que Jake estava sorrindo. Ele estava usando calças jeans velhas de cintura baixa e nada mais. Os cabelos eram mais compridos do que pareciam quando ele estava de chapéu. Bem pretos e grossos, sempre tinham sido uma coisa que ela adorava nele. Ela gostava de passar os dedos por entre eles e agarrá-los com força quando estavam dando prazer um ao outro.

“Você pode arrumar a mesa”, ela falou.

Jake lavou as mãos e começou a fazer o que ela pediu. Como já era de se esperar, ele cuidou de cada detalhe: guardanapos de tecido, pratos para a salada e para o prato principal, talheres e o jogo americano. Ela imaginou que ele deveria pôr a mesa para Eric todas as noites, garantindo que seu irmão desfrutasse tanto quanto possível da experiência de um jantar em família.

Ironicamente, no entanto, Jake fez de tudo para incentivar a amizade de Eric com Frank. Ele considerava os Miller a família ideal — a dona da loja de armarinhos, o guru da informática e seus dois filhos. Jake achava que Frankie seria uma boa influência para seu irmão, abalado pela perda dos pais. Não fazia ideia de que o pai dela era um hacker, a mãe, uma ladra e Frankie, um aprendiz das duas coisas.

Para Ana, era um tormento não poder revelar nada. E, naquele momento, o tema do assalto estava pesando mais do que nunca sobre seus pensamentos. Havia segredos demais entre os dois. Muito mais do que podia suportar.

Eles se sentaram para jantar, e Jake fatiou a carne com rapidez e eficiência.

“Como vai o Eric?”, ela perguntou enquanto servia o vinho.

“Ele está bem. Mas seria melhor se tivesse ido fazer faculdade, ou então entrado no exército. Ele é inteligente, e trabalha duro quando está motivado.

Quando não está, a dedicação cai a zero.”

“Frankie tem o mesmo problema. Muito potencial, pouca determinação. Acho que ele não é uma boa influência para o seu irmão.”

Jake pôs um pedaço de carne no prato dela. “Está brincando? Antes de conhecer o Frankie, Eric vivia se metendo em encrenca... furto, vandalismo, rachas com carros roubados. Frankie mudou tudo isso.”

“Frankie só ensinou Eric a ser mais esperto e não ser pego.”

Ela suspirou diante do olhar incrédulo que ele lançou. Como muitos policiais, Jake não acreditava que alguém fosse capaz de aprontar bem debaixo do nariz dele, principalmente alguém de sua família. Porém, não eram muitos os policiais que conheciam criminosos de alto nível como seus pais, e tanto ela como Frankie haviam aprendido muito bem certas lições.

Ele deu um gole no vinho e perguntou: “Então você veio para cá por causa de um trabalho? Você ainda trabalha fazendo investigações para seguradoras?”

“Na maior parte do tempo, sim.”

“E o que você está investigando agora?”

“Estou atrás de umas joias roubadas, e em especial uma tiara com diamantes cor-de-rosa.”

“Ah, é?” Os olhos azuis dele brilharam de interesse. “E o prejuízo foi grande?”

“Quase quarenta milhões.”

Ele assobiou. “E quanto você ganha se conseguir recuperar a mercadoria.”

“Cinco por cento.” Ela o observou enquanto ele fazia as contas.

“Minha nossa, Ana. Quase dois milhões?” Ele ficou olhando para ela. “E você já vem fazendo isso há um bom tempo.”

“Pois é. Pelo jeito ter uma mente criminoso pode ser um bom negócio.”

Jake desviou os olhos para o prato de comida. Eles comeram em silêncio por um tempo, perdidos em seus próprios pensamentos. “Você cozinha muito bem, querida.”

“Obrigada.” Ela sorriu. “Eu resolvi fazer umas aulas, porque fiquei de saco cheio de comer fora o tempo todo.”

“Não ter ninguém para quem cozinhar não é nem um pouco legal.” Ele pôs mais um pedaço de carne na boca e ficou olhando para ela, pensativo. “Você voltou por causa de dinheiro?”

Ela se concentrou em cortar a carne no prato. “Não foi por causa disso.”

“Você estava infeliz por lá?”

“Jake.” Ana largou o garfo e a faca e o encarou. “Existem muitas coisas que você não sabe sobre mim.”

“Papo-furado. Não existe nada que eu não saiba sobre você, Anastasia. E nem que você não saiba sobre mim.”

“Você acha que um criminoso continua sendo um criminoso mesmo se

nunca for preso?” Ela já sabia de antemão qual seria a resposta. Jake tomou partido da polícia local quando Eric foi pego cometendo uma infração. Ele sofreu a mesma punição que qualquer outro teria.

“Claro que sim.”

“Bom, então eu sou uma criminosa, Jake. E um policial honesto como você não pode ter uma mulher como eu, que trabalha sempre no limiar da legalidade, e muitas vezes ultrapassa essa linha.”

Ele pegou o vinho e se recostou na cadeira, observando-a com seus olhos de policial bem treinado. “Não sei do que você está falando, mas me deixa perguntar uma coisa: o que você quer que eu faça, fique sozinho? Eu não quero nenhuma outra mulher no mundo além de você. Não acredito que você seja tão cruel, Ana.”

“E eu não acredito que você deva abrir mão dos seus princípios por minha causa. No fim, isso vai acabar com tudo que temos.”

“E o que nós temos? Uma vida solitária e infeliz? Eu adoraria acabar com isso.” Ele deu mais um gole no vinho, sem tirar os olhos dela.

A expressão determinada no rosto dele a deixou sem fôlego.

“Sobre o que você falou”, ele continuou, “não é nenhuma novidade que os investigadores particulares às vezes trabalhem à margem da lei. Muitos policiais que não conseguem andar na linha acabam indo para esse ramo. Mas, no fim das contas, você ainda está do lado certo.”

“E se eu disser que para mim não faz diferença se os bandidos forem presos? Para mim, só interessa a mercadoria. Na verdade, eu já até deixei de seguir certas pistas por admirar a inteligência e a coragem que eles têm para fazer essas coisas.” Ela se recostou na cadeira. “Esses ladrões que estou perseguindo, inclusive, não me importo se eles sumirem no mundo depois que eu recuperar as joias. O que você acha disso, Jake? Você conseguiria dormir à noite ao lado de alguém que poderia ser considerada cúmplice de criminosos?”

Ele estreitou os olhos. “Ana...”

“No fim não faz diferença, Jake.” Ela desceu da banquetta e começou a recolher os pratos. “Já me conformei há anos que nós nunca vamos ter a resposta para essa pergunta.”



4

Ana levou os pratos até a pia e se forçou a relaxar. Não havia nenhuma necessidade de brigar, e ela estava determinada a impedir que isso acontecesse, já que eles passariam tão pouco tempo juntos.

“Essa decisão não cabe apenas a você, Anastasia”, Jake falou em um tom ameaçador, aproximando-se dela por trás.

Ela se agarrou à bancada da pia, já imaginando aonde aquilo iria chegar. “Você não vai conseguir me fazer mudar de ideia, Jake.”

“Não. Disso eu nunca fui capaz.” Ele a segurou pela cintura. “Mas posso fazer você se lembrar do que está perdendo.”

Com delicadeza, ele afastou as mãos dela da bancada e as colocou atrás do corpo, prendendo-as junto à parte inferior das costas. Um segundo depois, ela sentiu o toque frio do aço quando uma algema se fechou sobre um de seus pulsos, e depois sobre o outro.

Ela se acalmou por um instante.

Ele a virou para si e segurou seu rosto entre as mãos, beijando-a na boca. Ana ficou sem fôlego ao sentir os lábios firmes dele contra os seus, abrindo-se aos poucos para o avanço lento e macio da língua de Jake. Era um beijo profundo e erótico. Ele a saboreava com calma, sem pressa. Ela gemeu e se esfregou toda nele, impaciente e excitada.

As mãos dele foram descendo por sua garganta, segurando-a de leve. A sensação de estar presa pelo pescoço a acalmou ainda mais.

“Está me sentindo, amor?”, ele perguntou baixinho, passando os polegares pelas veias pulsantes de seu pescoço.

“Estou.”

“A primeira vez vai ser mais rapidinha. Estou esperando por isso há tempo demais.”

Ana balançou a cabeça afirmativamente, pois sentia a mesma coisa. Ela estava tão molhada e inchada que a mínima pressão sobre seu clitóris a faria gozar.

Com carinho, como se ela fosse uma criatura frágil, ele agarrou os seios dela por cima do baby doll, sacudindo-os de leve para sentir o quanto estavam inchados e sensíveis. Ele segurou os mamilos entre os indicadores e os polegares, dando-lhes um beliscão com a intensidade exata para proporcionar prazer, e não dor. Ela fechou os olhos, e seu corpo se entregou

ao dele.

Jake a beijou de novo, acariciando seu lábio inferior com a língua. “Eu estava morrendo de saudade de você, Ana.”

“Eu quero tocar você.”

“Eu sei.” Ele segurou as algemas com os dedos e as levou até a altura dos ombros dela. “Se você for boazinha, posso até pensar em deixar.”

“Jake...” Ela prendeu a respiração quando sentiu seus mamilos se desnudarem por inteiro.

“Tão linda”, ele murmurou, acariciando as pontas endurecidas de seus seios com os polegares. Ele baixou a cabeça e abocanhou um deles, remexendo a língua e sugando com força.

Ela gemeu, jogando a cabeça para trás e sentindo no meio das pernas um reflexo daquela sucção, uma sensação que se espalhou por todo o corpo e a fez estremecer. Quando ele fez o mesmo no outro mamilo, os joelhos dela amoleceram, obrigando Jake a ampará-la, abraçando-a pela cintura. Erguendo-a do chão, ele atacou seus seios expostos, passando a língua pelos biquinhos pontudos e segurando-os de leve entre os dedos.

“Minha nossa, Jake...”

“Shh”, ele interrompeu. “Vou fazer tudinho para deixar você no ponto certo, querida. E vou continuar fazendo até você querer meu pau dentro do seu corpo durante horas.”

Jake a carregou para a sala de estar e apoiou os pés dela no chão de costas para ele, curvando-a com um empurrão suave, mas decidido, em sua nuca sobre o braço de uma poltrona de couro. Ela se curvou, empinando a bunda em um convite às arremetidas do pau avantajado dele.

Ele acariciou a lateral do corpo e as coxas de Ana com movimentos circulares. Ela sentiu uma lufada de ar fresco atingir suas costas quando ele levantou o baby doll. Ana flexionou os dedos, desesperada para tocá-lo, para sentir a pele que ela sabia que ficaria quente, quase febril, quando ele a penetrasse.

“Eu amo você, Anastasia”, Jake disse com a voz rouca, curvando-se para beijá-la entre os ombros. “Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Não acredito que as coisas entre nós não podem dar certo, porque nós sempre estamos bem quando estamos um com o outro. Isso você não pode negar.”

“Jake, por favor...” O cheiro e o toque do couro despertaram lembranças ardentes do passado, necessidades que somente Jake era capaz de aplacar.

Com os polegares, ele abaixou a calcinha dela até os joelhos. Os lábios percorreram o mesmo caminho em seguida, passando pela curvatura das nádegas e passando a língua pela parte posterior de suas coxas. Ela estremeceu, sentindo seu corpo ser bombardeado por um desejo que não sentia fazia tempo demais. Quando ele se sentou no sofá logo atrás, ela

prende a respiração, ansiosa.

“Tão linda”, ele murmurou, soltando o hálito quente junto aos lábios de seu sexo. “Tão lisinha e rosadinha.”

Deixando a calcinha onde estava, ele a abriu com os dedos e de repente se deteve. Ana podia sentir o olhar dele sobre ela, e seu desejo quase palpável pairando no ar.

“E eu sei o quanto o seu gostinho é delicioso, minha Ana.”

Ana se encolheu toda, esperando pela primeira lambida, mas, quando isso aconteceu, não estava preparada — ela deu um grito, e seu corpo estremeceu violentamente.

“Calma, querida”, ele disse com a voz rouca, amparando-a com a mão espalmada na parte inferior de sua coluna. “Eu vou cuidar direitinho de você.”

Ele continuou a mexer a língua com habilidade, esfregando o clitóris com a pressão ideal. Ela gozou rapidamente, arqueando as costas diante de um prazer que sobrecarregou seus sentidos e espalhou tremores de deleite por todo o seu corpo sensível. No meio de um orgasmo de escurecer a vista, a língua de Jake a penetrou, entrando e saindo furiosamente. A maciez das lambidas em seus tecidos mais delicados era algo enlouquecedor, mas apenas aquilo não bastava. Seus lábios se abriram, esperando uma penetração mais robusta e profunda.

“Agora, Jake. Agora. *Agora!*”

Ele se levantou às pressas. Ana ouviu o som do zíper da calça se abrindo, e depois sentiu o toque sedoso da ereção dele. Jake ainda a provocou um pouco, esfregando a cabeça do pau nos lábios de seu sexo.

Ela arqueou as costas e fechou os dedos, sentindo as bochechas vermelhas e suadas por causa da tensão de estar imobilizada e não poder tocá-lo como queria. Não era só uma questão de satisfação física por estar em contato com ele, era algo que mexia com as demandas de seu coração.

“Eu amo você”, ela falou, quase sem fôlego, incapaz de segurar aquelas palavras. “Eu amo você, Jake.”

Com um grunhido grave, ele remexeu os quadris e a penetrou com uma estocada furiosa e profunda.

“Isso!” As lágrimas escorreram dos olhos de Ana sobre a almofada. Ela ansiava pelo delicioso ardor de ser possuída por ele, de sentir a conexão entre dois corpos que seria impossível com qualquer outro.

“Quero comer você bem devagar.” A voz dele estava rouca e ofegante. “Meter bem fundo, sem pressa. Mas não consigo... Faz tempo demais.”

Ele se curvou sobre ela e empurrou um pouco mais, penetrando até o fundo. “Putá merda, Ana, como você me aperta com força... Me envolve todinho. Eu vou gozar muito pra você, amor.”

Jake tirou e depois enfiou de novo até o talo. Remexendo os quadris, foi

ainda mais fundo. Sentir aquele pau grande e grosso dentro dela era perfeito — o ligeiro ardor de ser alargada, a safadeza de se sentir usada e penetrada, o inchaço enlouquecedor de seu ventre, fazendo força para segurá-lo lá dentro...

Agarrando-a pelos quadris, ele meteu com força outra vez, fazendo-a ficar na ponta dos pés. Ana arfou de prazer, perdendo a cabeça, à beira do clímax.

“Não para”, ela implorou, desesperada por mais um pouco de atrito para poder gozar de novo.

“Nunca, minha Ana”, ele gemeu, enfiando com gosto, atacando o sexo dela. “Eu nunca vou parar...”

O som erótico dos corpos se tocando, misturado com as palavras sacanas que saíam da boca dele — promessas de amor e ameaças sexuais, elogios acalorados e demonstrações ásperas de desejo — tudo aquilo a estava deixando maluca de tesão. Ela remexia os quadris, tentando seguir o ritmo dele, com a mente enlouquecida pelo prazer.

Quando Jake flexionou os joelhos e atingiu o ponto certo dentro dela, Ana gozou com um grito abafado. Ela se chacoalhou toda, com dificuldade até para respirar em meio a um orgasmo poderoso. Jake chegou ao clímax junto com ela, ofegando e estremeendo a cada jato de sêmen liberado. Ele se dobrou sobre ela, puxando-a para junto do abdome musculoso, que ela tocava com as palmas das mãos suadas.

Ela afundou sobre as almofadas depois de aliviar toda a tensão, sentindo-se amada e satisfeita.

“Eu preciso de você.” O peito de Jake subia e descia junto a ela, e quando ele se moveu, Ana sentiu que seu pau ainda estava duro. “Eu nunca vou deixar de precisar de você.”

Ana não precisou de muito tempo para descobrir o que a havia feito acordar.

Seu celular estava vibrando sob o travesseiro.

Ela espremeu os olhos ao ser atingida pela luminosidade da tela. Quando viu que o código de área de quem ligava era da Costa Leste, apertou o botão para atender à chamada antes que caísse na caixa postal e pulou da cama. Ela saiu do quarto de Jake e fechou a porta tentando não fazer barulho, e depois correu até a sala para atender: “Miller”.

“Ana! Minha nossa.” Frankie suspirou de alívio. “Estamos ferrados, Ana. O Eric e eu... E a mamãe. Meu Deus, a mamãe...”

“Frankie.” O alívio tomou conta de Ana, uma prova do quanto ela estava preocupada. “Onde você está?”

“Em Newark. Minha nossa... deu tudo errado. O Rick pirou. Porra... você sabe como a mamãe gosta de planejar as coisas. Que nem em Cannes.”

“Eu sei.” Ela se lembrava muito bem do assalto ao Carlton, assim como do

fato de que Terence Parker tinha um irmão chamado Richard. “O nome desse Rick é Richard Parker?”

“É, sim. Como você sabe?” Ele soltou uma risada nervosa. “Do que é que eu estou falando? É claro que você sabe. Porra, Ana, ele atirou no próprio irmão. Meteu bala nele como se... Puta merda. Ah, caralho... O Rick atirou no próprio irmão a sangue-frio.”

“Você está em um lugar seguro?”

“Estou, mas...”

“O Eric está com você?” Ela remexeu na bolsa e tirou de lá uma calça jeans e uma blusinha.

“Sim, sim...”

“Vocês estão com a mercadoria?”

“Estou. Puta que pariu. Você quer me escutar? Ele pegou a mamãe!”



5

Ana ficou paralisada, sentindo seu coração disparar dentro do peito. “*Quê?*”

“Rick sabia que a mamãe estava na jogada. Eric e eu conseguimos nos livrar dele e ficar com as pedras, mas o cara é um puta de um louco. Atirou no próprio irmão, porra. Que tipo de gente faz uma coisa dessas? Quando viu que a gente tinha dado o fora com a mercadoria, ele foi atrás da mamãe.”

Ela pôs o telefone no viva-voz e o deixou sobre a mesinha de centro. “Como você sabe que ele pegou a mamãe?”

“Ele acabou de ligar para avisar. Disse que troca a vida dela pelas pedras. Tentei ligar lá em casa, mas caiu na caixa postal.”

“Tudo bem, tudo bem.” *Pensa, Ana. Porra.* Ela pegou uma calcinha. “Onde vocês combinaram de fazer a troca?”

“Ele não falou. Ficou de ligar de novo.”

“Escuta só, eu estou aqui em Whisper Creek. Vou até a casa da mamãe agora mesmo para ver se o desgraçado não está blefando.” Ao vestir a calça, ela sentiu o quanto estava dolorida entre as pernas. “Ela pode ter tirado o telefone do gancho durante a noite, ou dormido com a tevê ligada. Você sabe que ela precisa de algum barulhinho para conseguir pegar no sono.”

“Ana... Ele vai matar a mamãe. O Rick deve ter planejado matar todo mundo que tivesse algum envolvimento no assalto. Ele deve ter descoberto o envolvimento dela antes de a gente dar no pé. E não tem por que não acabar com ela depois que a troca for feita. Isso só vai dar para descobrir cara a cara, e nessa hora ele vai acabar com a gente também.”

“Para com isso, Frankie.” Ela vestiu um top de ginástica por cima da cabeça, e depois a blusinha. “Você vai ficar quietinho aí até esfriar a cabeça. Eu estou indo para a casa da mamãe.”

“Tudo bem, mas...”

“Não sai de perto do celular, entendeu bem? Quero que você ou o Eric me liguem a cada meia hora. E encontrem um lugar seguro para se esconderem até eu mandar vocês saírem. Não é para fazer nada sem me avisar, certo?”

“Certo. Entendi. Ana...” Frankie estava com a voz embargada. “Deu tudo errado. A gente se fodeu nessa.”

“É o que costuma acontecer com todos os criminosos, Frankie. Você só não se deu mal antes por pura sorte.” Ela guardou o pijama na bolsa. “Se cuida. Eu amo você.”

Ana havia acabado de pegar os sapatos de salto alto quando Jake apareceu na sala, todo vestido, com a arma e o distintivo na cintura.

“Você não pode vir comigo”, ela falou.

“Não o cacete.” Ele a encarou fixamente. “O meu irmão está lá também. Pelo amor de Deus, Ana. Você veio até aqui porque sabia que eles estavam envolvidos no assalto, e não me disse nada.”

“Porque eles não podem ir para a cadeia!” Ela jogou os sapatos na bolsa e a pôs sobre o ombro. “Eu posso cuidar disso sozinha, você não precisa se envolver.”

“Você acha que eu estou preocupado com isso?” Ele olhou bem para ela, e depois soltou um palavrão para si mesmo. “Não existe lei que eu não desrespeitaria por você. Não existe nada que eu não faria por você.”

“Eu sei.” Ana foi até Jake e pôs a mão espalmada sobre o coração dele. “Eu sei que isso é verdade. Só não sei se você conseguiria suportar o peso na consciência, e não quero ser a responsável por isso. Eu amo você, Jake. Do jeitinho que você é.”

Jake levou os dedos dela até a boca. “Tenho uma coisa para você.”

“Agora não é hora para isso!”

Ele soltou a mão dela e começou a remexer no bolso. Um instante depois, enfiou um anel de diamante no anelar da mão esquerda de Ana, uma pedra de corte quadrado que capturou a luz da lua que se infiltrava pelas frestas das cortinas da janela.

Ela engoliu em seco, com medo até de piscar. “Jake...”

“Eu estou esperando por esse momento há anos. Agora é a sua vez.” Ele pegou a bolsa dela e largou no sofá. “Me dá as suas chaves. Eu quero dirigir esse Jaguar.”

Ana se sentiu atordoada. Era adrenalina demais, foi o que ela disse a si mesma. Nenhum dos dois estava pensando direito. Aquilo jamais daria certo... ou daria?

Para descobrir a resposta, porém, eles precisavam sobreviver àquelas primeiras horas.

“Você não trouxe uma jaqueta?”, ele perguntou.

“Está no carro. Vamos lá.”

Jake observou enquanto Ana abria o porta-malas do carro, onde estavam um colete à prova de balas e um cofre portátil com três armas. Ela escolheu uma, pôs no coldre que levava no ombro, fechou o zíper da jaqueta e trancou o cofre. Seus movimentos eram tranquilos, calculados e eficientes. Jake ficou maravilhado ao constatar que ela havia se tornado uma mulher poderosa e atraente.

“Você está bem?”, ele perguntou baixinho.

“Não.” Ela fechou o porta-malas sem fazer barulho, e observou o chalé de

dois andares construído no meio da mata. “Mas estou feliz por você estar aqui. Vamos lá.”

Sob a luz pálida do luar, a construção vitoriana, com seu telhado pontudo e sua varanda gigantesca, parecia saída de um conto de fadas — mas um daqueles em que tudo dá errado.

Ana manteve a calma mesmo depois de eles revistarem a casa e se certificarem de que Tilly não estava lá. Havia sinais de enfrentamento físico no quarto principal, mas nenhum vestígio de sangue.

“Rick Parker poderia tê-la matado aqui mesmo, se fosse essa a intenção”, ela falou sem pestanejar, apanhando o celular de Tilly no criado-mudo e vasculhando o aparelho em busca de pistas. “Poderia ter forjado um assalto, por exemplo. Ela deve ter jogado uma conversa nele, conseguido convencê-lo de que era importante mantê-la viva. Ou seja, ela enganou o sujeito, e ganhou mais algum tempo de vida com isso. Vamos embora.”

“Ei.” Ele a segurou pelo ombro e a olhou bem nos olhos. Quando viu na expressão dela a determinação capaz de manter as emoções sob controle, ele a beijou de leve, na testa.

“Jake...”

“Eu não era o único que precisava disso. Agora podemos ir.”

Eles desceram as escadas e, quando estavam quase saindo, Ana pisou em algo que se quebrou sobre seus tênis pretos de corrida. Ela se agachou, examinou os cacos de vidro e encontrou um objeto caído bem ao lado da porta.

“Isso não deveria estar aqui”, ela comentou, endireitando o corpo. “Minha mãe deixa essa foto no criado-mudo da cama desde que eu me entendo por gente.”

Jake tomou o porta-retratos da mão dela e olhou para a fotografia amarelada atrás do vidro estilhaçado.

Ela abriu um sorriso. “Essa foto foi tirada no dia em que o meu pai pediu a minha mãe em casamento, enquanto eles caminhavam pelo calçadão. É um recado que ela sabia que eu seria capaz de entender. Rick está levando a minha mãe para Atlantic City.”

Ele levantou as sobrancelhas. “De onde você tirou essa ideia?”

“Confie em mim”, garantiu Ana. “A partir do momento em que ele acreditou no que a minha mãe dizia, ela assumiu o comando da situação. Nós só precisamos chegar até os dois antes que ele se dê conta disso.”

Enquanto eles viajavam para o leste na estrada 422, Ana pegou o laptop e começou a digitar furiosamente. Jake a observou com o canto do olho. Estendendo a mão, ele começou a acariciá-la na nuca, sob os cabelos.

Ele estava felicíssimo por poder tocá-la de novo, poder ouvi-la e sentir seu cheiro, tê-la por perto e poder olhá-la. Era por causa dela que ele mantinha

sua sanidade, apesar de estar morrendo de preocupação com Eric.

Ana olhou para ele, séria e compenetrada em meio às sombras da noite. “O Frankie está cuidando bem do Eric. Não se preocupe.”

“Não é só com Eric que estou preocupado.” Ele puxou de leve os cabelos dela.

“Não estou nem pensando nisso. Pelo menos por enquanto. Eu ficaria maluca.”

“Certo, então vamos falar de outra coisa. Você costuma viajar bastante?”

“Sim, mas só porque não tenho nada que me prenda em casa. Mas agora vai ser diferente.” Ela voltou a concentrar sua atenção na tela. “Os bons cidadãos de Whisper Creek vão ter que se acostumar a me ver mais vezes.”

“É lá que você quer morar?”

Ela se virou para ele de novo. “Até onde eu sei, é onde *you* mora, não?”

“Eu só não saí de lá pra ficar perto da sua família. Fiquei com medo de que, se fosse embora, acabaria perdendo contato com você para sempre.” Ele encolheu os ombros. “Não precisa ficar horrorizada desse jeito. Eu não tinha nenhum lugar para ir, e Eric precisava levar uma vida mais estável. Mas, com o emprego que tenho, posso morar em qualquer lugar... você sabe.”

“Você faria isso?”, ela perguntou baixinho.

“Eu faria qualquer coisa por você, Anastasia. Você me faz feliz.”

Ana ficou em silêncio por alguns segundos antes de falar: “Sabe como os meus pais ficaram noivos? Eles se conheceram em Atlantic City. Minha mãe tinha um plano para fraudar uma seguradora, e meu pai, uns objetos antigos roubados. Ela queria as antiguidades, e ele queria lucrar com a fraude. Eles negociaram por algumas semanas, e combinaram de se encontrar em um banco, onde as mercadorias seriam avaliadas... Só que, na hora de abrir o cofre, em vez das antiguidades, ele sacou uma garrafa de Dom Perignon e uma aliança de noivado”.

“O seu pai fez o pedido em um banco?”

“No meio de um monte de bens de valor que não pertencia a eles... o lugar perfeito para os meus pais. Eles estavam interessados um pelo outro desde o início, mas em vez de namorar eles começaram a trabalhar juntos em um golpe. A minha família é *assim*, Jake. E duvido que algum dia isso vá mudar.”

“Isso não me assusta, Anastasia. Um dia eu espero que você entenda isso.”

Ana sacudiu a cabeça e voltou ao trabalho.



6

O céu já estava clareando quando Ana recebeu uma ligação de Frankie.

“Oi”, ela respondeu baixinho, sentindo um frio na barriga. “Recebi um e-mail do detetive Samuels, de Nova York... Terence Parker morreu uma hora atrás.”

“Ai, merda. Merda, merda, merda. O Terry. Minha nossa. Ele era um cara legal, sabe? Não merecia morrer desse jeito.”

“Alguma notícia do Rick?”

“Ah, é.” Frankie respirou fundo. “Ele me deixou falar com a mamãe. Ela parecia estar bem. Não estava assustada nem nada. E você estava certa sobre Atlantic City, é lá que ele quer fazer a troca. O Eric está mandando o endereço para o celular do Jake agora mesmo. Eu falei para o Rick que, se não falasse com a mamãe pouco antes da troca, não iria nem aparecer. E disse também que a gente quer cair fora de lá antes das nove.”

“Legal. Você está fazendo tudo certo.” Ela passou a mão pelos cabelos antes de falar o que não havia tido coragem até então. “Frankie, você e o Eric... Vocês precisam começar a pensar em um plano B.”

Jake protestou. “Porra, Ana!”

Ela olhou para ele, mas continuou falando. “Quando o Rick for preso, vai tentar fazer um acordo para atenuar a pena no caso do assassinato.”

Frankie respondeu em um tom mais sério do que nunca. “A gente já está pensando nisso, Ana. Não esquenta. Se concentra na mamãe.”

Assim que ela desligou o telefone, Jake explodiu. “Que conversa é essa, caralho?”

“Eu só estou querendo minimizar os prejuízos. A joalheria vai ter suas pedras de volta, o assassino de Terence vai ser preso e eu não vou ficar com a comissão paga pela seguradora, por razões óbvias. Mandar Eric e Frankie para a prisão não vai ajudar em nada as partes prejudicadas nesse assalto.”

Ela pegou o celular dele e digitou o endereço do local do encontro no GPS do carro.

Jake olhou feio para ela. “É só isso que você tem a dizer?”

“É, sim. Pensa bem, Jake. E pensa com carinho. Quando tudo terminar, nós conversamos de novo.”

O encontro foi em um motel decadente em um bairro abandonado e

remoto de Atlantic City, que parecia ficar a um mundo de distância do calçadão e dos pontos turísticos. As placas do comércio e a arquitetura dos edifícios estavam defasadas em décadas. O sol e as intempéries haviam roubado toda a cor que aquele lugar um dia já teve.

Ana se perguntou se sua mãe tinha conhecido o local em seus melhores dias. O que poderia ter levado Rick até lá? A conveniência das instalações externas e do estacionamento bem na frente da porta dos quartos? Isso bastava para ignorar o fato de que o banco ficava naquele lado da cidade?

Qualquer que fosse a razão, ela estacionou seu carro no Mondego Resort e alugou um veículo para ir até o motel. Depois disso, Ana e Jake se separaram — ele ficou esperando no carro, parado na rua, enquanto ela se hospedou em um quarto escuro e úmido que cheirava a cinzeiro e suor seco. Eles esperaram pelo telefonema de Frankie, que daria início à execução do plano.

“Quarto 105”, ele falou assim que ela atendeu à ligação.

“Muito bem”, disse Ana. “Eu vou sair do quarto com um balde de gelo. Vou estar por perto quando você bater à porta. Apareça sozinho, e peça para ele sair. Diga que Eric está monitorando tudo a uma distância segura, e que as pedras estão com ele. Caso tenha algum interesse em mostrar que é confiável, ele vai sair. A mamãe provavelmente vai ficar no quarto. Jake vai dar a volta no quarteirão, estacionar perto da janela do banheiro e tentar tirá-la de lá. Até aqui tudo certo?”

“Sim.”

Ana gostou de ouvir a determinação no tom de voz de seu irmão. “Vejo você em um minuto.”

Ela nem precisou avisar a ele para não ficar olhando em sua direção o tempo todo — ou melhor, fingir que nem a viu — para não despertar suspeitas. Frankie era um profissional. Ana escondeu a arma nas costas, dentro da calça, pegou o balde de gelo e saiu, contente por, enfim, poder respirar um pouco de ar fresco.

Mandando uma mensagem de texto para Jake enquanto passava, Ana atravessou o estacionamento em forma de U do motel, uma construção de um único andar. Quando Frankie bateu na porta do quarto, ela não se alterou — Ana ficava mais calma do que nunca quando estava em ação.

“Minha nossa, Rick”, ela ouviu Frankie dizer quando a porta se abriu. “Olha só o seu estado, cara.”

“Filho da puta! Você me jogou para escanteio! E o Terry também! Cadê o Monroe, porra? E os meus diamantes?”

Ana se escondeu em um corredor que levava a um depósito de produtos de limpeza. Rick estava descontrolado — sua respiração estava ofegante, e seu tom de voz, exaltado demais. Ela sentiu um frio na espinha só de pensar na companhia de quem sua mãe havia passado as últimas horas. À medida que a conversa entre Rick e seu irmão prosseguia, sua inquietação só aumentava.

“Não brinca comigo, Miller, seu merdinha”, explodiu Rick. “Está pensando que eu sou idiota? Sério mesmo? Eu não vou sair e fazer a troca em um lugar em que qualquer um possa fotografar à vontade! Manda o Monroe vir para cá agora mesmo!”

“E para que eu preciso de fotografias? Se a polícia estivesse aqui, você já estaria preso. Você está com uma refém dentro do quarto, e além disso é um assassino.”

“Assassino o caralho. Eu nunca...”

“O Terry morreu”, Frank disse secamente.

Ana ouviu o baque surdo de um soco. Ela sacou sua arma.

“Porra, Rick...” Frankie deu um passo atrás e entrou no campo de visão de Ana. Ele estava com a mão na boca, com o sangue escorrendo entre os dedos, e assim conseguiu atrair Rick para fora do quarto.

“*Mentiroso!* Você é um puta de um mentiroso, Miller.” Rick saiu para o estacionamento com os pés descalços e as roupas em frangalhos. Seus cabelos loiros estavam todos desgrenhados, e ele gesticulava enlouquecidamente com as mãos. “Você mentiu para mim desde o começo. Eu falei para o Terry que você ia acabar com ele, e foi isso que você fez. Quem foi que deu um fim nele? Você ou o Monroe?”

“Porra, você é maluco mesmo. Foi *você* que atirou no seu irmão. O que você esperava que acontecesse?”

Rick deu um empurrão em Frankie, fazendo-o cambalear para trás. “O que foi que você fez? *O que foi que você fez?* Eu só atirei no Terry para ninguém desconfiar da participação dele. E agora você está me dizendo que ele está morto? *Morto?* ”

“Saiu em todos os jornais, cara. E no noticiário da tevê. Um dos tiros rompeu uma artéria. Ele perdeu muito sangue. Não teve jeito. O coração dele entrou em colapso.”

Ana saiu de seu esconderijo, disposta a aproveitar a chance de intervir para ajudar a libertar sua mãe. Ela foi caminhando na direção da porta aberta, sem tirar os olhos de Rick.

Ela estava quase lá quando ele se virou com um grito.

“Caralho, a polícia!”, ele gritou, e avançou na direção dela.

Ana atirou com a arma apontada para baixo, atingindo-o na canela. Ele caiu de joelhos, e levou a mão às costas. Ela mal teve tempo de desviar do punhal, que ele encravou na parede de gesso logo atrás. Rick se levantou, cambaleou para dentro do quarto e fechou a porta.

Ela se virou, deu um tiro na fechadura e chutou a porta, que não cedeu. Ana atirou de novo, justamente no momento em que Rick começou a gritar lá dentro.

“Cadê ela? *Cadê ela?* ”

Ela se deteve, ainda com a arma em punho. Frankie foi correndo até a

porta. “Espera. Acho que o Jake conseguiu resgatá-la.”

O carro alugado embicou no estacionamento à esquerda deles. Jake estava ao volante. Tilly e Eric estavam no carro com ele.

“Minha nossa”, Frank falou com a voz embargada. “Mamãe.”

Ana não tirou os olhos da porta e das cortinas fechadas. “Entra no carro e vai embora.”

“E você?”

Rick continuava a gritar, e eles ouviram o som de um tiro e de vidro se quebrando. “Nããã! Não! Não!” Mais tiros foram disparados, seguidos de mais gritos. Em seguida, fez-se um silêncio perturbador.

“Vai lá ficar com a mamãe”, ela mandou, sacando o celular para chamar a polícia. “Pode deixar que eu cuido disso.”

Jake pagou o café e se virou novamente para o Edifício Crossfire. Ao seu redor, as pessoas congestionavam a calçada da mesma forma como os carros faziam na rua às suas costas. As buzinas reverberavam ruidosamente de tempos em tempos, mas os habitantes de Manhattan pareciam indiferentes aos barulhos da cidade.

Ele olhou para cima e observou a torre de vidro azulado que se erguia na direção dos céus em meio a dezenas de outros prédios. O roubo da Coroa de Rosas estava, enfim, sendo solucionado, e sua nova vida com Ana poderia começar. Com a morte dos irmãos Parker, não havia quem pudesse identificar os demais responsáveis pelo crime, e com todas as joias recuperadas e devolvidas, a polícia provavelmente daria o caso por encerrado.

O exame de balística comprovou que a arma que Rick usou para pôr um fim à própria vida tinha sido a mesma usada para atirar em Terence, o que resolvia essa parte do crime também. Mas ainda havia uma última coisa a fazer...

Ana saiu pela porta giratória do Crossfire, e procurou por ele com o olhar. Vestida de preto da cabeça aos pés, ela era a imagem da elegância e da sensualidade. Quando chegou perto dele, abriu um leve sorriso e pegou o café de sua mão.

Ela deu um gole na bebida e franziu o nariz. “Eca. Café puro. Com um pouquinho de creme e açúcar fica bem melhor.”

Ele deu um tapinha com o dedo na ponta do nariz dela. “Mas precisa estar quentinho também. Eu estava esperando você chegar para pedir o seu. Como foi a conversa?”

“Foi boa. Gideon Cross concordou em pagar a recompensa para a família Parker. É o mais certo a fazer.” “Ele não questionou o fato de você ter aberto mão de meio milhão de dólares como se fosse uma gorjeta? Isso sem contar a comissão pela devolução dos diamantes...”

“Não.” Ela sorriu. “Tenho certeza de que ele levantou todas as informações sobre o meu patrimônio antes de me receber naquele escritório luxuosíssimo.”

Jake ergueu as sobrancelhas. “Quanto dinheiro você tem?”

“Digamos que eu sou muito boa no que faço.” O sorriso dela se escancarou.

“Porra. Eu dei o golpe do baú. Não sabia que estava me dando tão bem.”

Ana passou a língua pelo lábio inferior. “E está a fim de se dar ainda melhor?”

“Pode apostar.” Ele a pegou pela mão, e os dois foram embora.

SOBRE A AUTORA

SYLVIA DAY ocupa o primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times* e nas listas internacionais e é autora de diversos best-sellers premiados, publicados em 40 países. Foi nomeada melhor autora pelo Goodreads Choice Award, e sua obra foi considerada a melhor do ano de 2012 pela Amazon na categoria *romance*. Ganhou o RT Book Reviews Reviewers' Choice Award e foi duas vezes indicada ao prestigioso RITA Award.

Mais informações:

www.sylviaday.com.

www.facebook.com/AuthorSylviaDay

@SylDay

WISH LIST

Copyright © 2005 Sylvia Day

BLOOD AND ROSES

Copyright © 2012 Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Wish List/ Blood and Roses

CAPA E PROJETO GRÁFICO Claudia Espínola de Carvalho

IMAGEM DE CAPA © Kelliem/ Dreamstime.com

PREPARAÇÃO Lilia Zambon

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

ISBN 978-85-8086-911-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparelela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparelela.com.br